

DA ESCOLA TRADICIONAL Á ESCOLA CONTEMPORÂNEA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR

Luciane Schlickmann¹

Lenir Luft Schmitz²

1 INTRODUÇÃO

Este projeto se propõe a pesquisar a reconstrução do olhar pedagógico acerca da importância dos espaços externos e internos do ambiente escolar no desenvolvimento da criança. Para tanto, esta pesquisa procura se orientar pelo seguinte problema: “Os espaços externos e internos do ambiente escolar são importantes para o desenvolvimento da criança?”

Partindo desse problema, buscar-se-á aprofundar porquê os professores durante a graduação aprendem que ensinar fazendo é a melhor maneira de compartilhar saberes e, na prática, por vezes, acabam reduzindo sua atuação pedagógica a uma sala de aula delimitada por paredes. Ainda, qual o significado da escola e dos seus múltiplos espaços para as crianças e seus professores e em quais circunstâncias os espaços externos estão sendo utilizados nas escolas, face a importância dos mesmos para o desenvolvimento da criança?

O propósito deste projeto é, portanto, aprimorar, verificar, analisar, investigar, observar e avaliar se as escolas pesquisadas em seu conjunto de espaços externos e internos percebem a influência destes ambientes no desenvolvimento da criança.

Deste modo, apresentamos nesta pesquisa o propósito de investigar as relações e vivências em todos os espaços do ambiente escolar, na tentativa de mostrar o quanto eles podem influenciar no processo educativo da criança/aluno. Sua importância está na reflexão acerca da prática cotidiana nas escolas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, destacando que educar uma criança vai muito além de livros, cadernos e do tradicional ambiente da sala de aula.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da FAI Faculdade. 8º período. E-mail: luciane_schlickmann@hotmail.com

² Professora (Orientadora) do Curso de Pedagogia da FAI Faculdade. E-mail: lenirlus@gmail.com

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 ESCOLA TRADICIONAL: A SALA DE AULA COMO O ÚNICO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM

Geralmente quando falamos da escola, o nosso primeiro pensamento remete-nos a uma sala de aula, com carteiras e cadeiras enfileiradas. Essa ideia passa a ser introduzida em nossas concepções de uma forma tradicional, na qual, na maior parte do tempo o professor fala e os alunos o escutam.

A visão de escola vai se transformando com o tempo, mas mesmo diante das inúmeras mudanças que vem ocorrendo neste ambiente, a mesma continua se caracterizando como um espaço de reprodução de conhecimentos, e não um lugar em que os conhecimentos, as aprendizagens e as experiências sejam uma construção dos próprios alunos com o “aprender fazendo”. Ou seja, nesse espaço dedicado ao “ensino”, nem sempre o diálogo, a interação e a aprendizagem estiveram “ligadas” ao processo de educar.

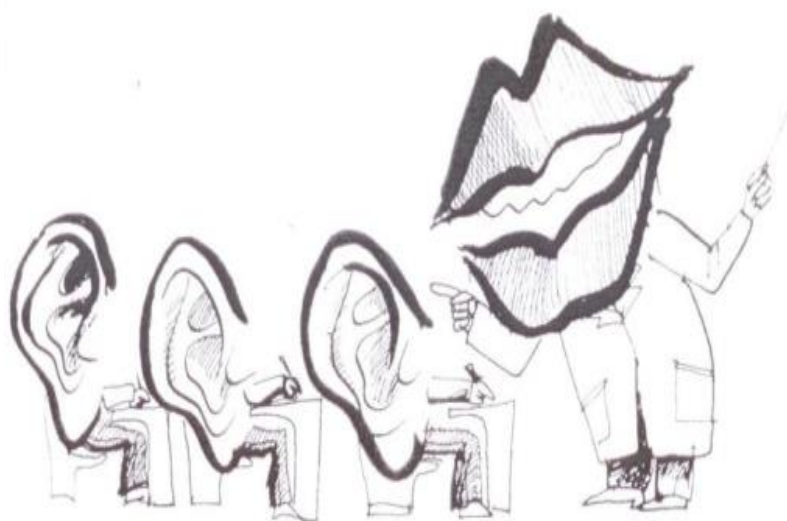
Ao longo da história, acabaram surgindo pequenas escolas, que tinham a função de “ensinar”. Sabe-se que essas apenas transmitiam os conhecimentos, ao invés de mediá-los através dos espaços. Sua educação era voltada para uma proposta não muito distante da nossa realidade, se comparado a educação que vem sendo oferecida em nossas escolas. São as chamadas “escolas tradicionais” nas quais

O professor acredita que ele, como adulto, já descobriu as “verdades” sobre o mundo, as pessoas, as ideias... e precisa em sua função de expectador e animador fazer com que o aluno descubra estes conhecimentos. O professor assume, assim, a condição de modelo e referência para seus alunos, que na categoria de aprendizes precisam imitar seu mestre para aprender (SCHMITZ, 2006, p. 78).

Realmente, soa-nos um tanto estranho ouvir a expressão: “imitar seu mestre”. Sabemos que o processo de imitação faz parte do desenvolvimento infantil. Entretanto, reduzir à criança a uma educação “empobrecida”, que não tenha qualidade e objetivos, faz do aluno um simples indivíduo para ser “moldado”. O aluno é visto como uma folha em branco, “alguém que precisa ir à escola para começar a treinar e memorizar, para escrever seu livro da vida” (SCHMITZ, 2006, p. 80).

O professor tradicional não abre espaços para questionamentos do conteúdo, dificultando ainda mais a aprendizagem do aluno, bem como da turma. Desse modo, as palavras são “jogadas” aos alunos que as “captam” de formas e significados tão diversos e muitas das dúvidas que surgem entre colegas, são levadas para casa sem um real entendimento. “A criança deve, portanto, aceitar as regras, entrar no jogo. Nesse jogo dar a resposta certa, no mais das vezes, confunde-se com dar qualquer resposta, desde que seja a que o professor quer...” (FREIRE, 1996, p. 54).

Figura 01: Visão de uma sala de aula tradicional.



Fonte: (FREIRE, 1996, p. 48).

Fazendo uma análise desta ilustração com o contexto tradicional do cotidiano escolar, constata-se que os alunos estão realmente em um jogo, o qual deve ser jogado conforme o “Manual do Professor”, que se prende fielmente a seu dizer. “Ainda existe a ideia de que o professor precisa estar lá na frente, falando aos alunos, e de que esse é o modo pelo qual se aprende” (JENSEN, 2013, p. 18). Cabe aos alunos reproduzir esse discurso sem poder trocar as palavras, mesmo o significado sendo o mesmo. Ou seja, a resposta deve ser “*tal qual*”, e não como foi entendida.

As carteiras e cadeiras enfileiradas revelam uma educação tradicional, na qual, segundo Freire (1996), o bom aluno é... uma criança dócil, paciente, que sabe calar-se e escutar o que o professor fala.

O autor nos remete a pensar na ideia de que, a educação está voltada ao cumprimento das regras ditadas, ou seja, o bom aluno permanece sentado numa

carteira, escutando, sem ao menos poder dialogar sobre o assunto, mesmo que, por vezes, ele não encontre o sentido daquela ação.

Assim, são muitas dessas salas que só mudam de número, professor, e alunos, pois as características costumam ser sempre iguais, bem como a metodologia da aula deve seguir um padrão, para que o professor não se “perca” em sua aula.

Essa aliás, é, uma concepção muito forte que não consegue ser desmistificada: o modelo de sala fixa, onde todos os dias a rotina se repete e o ambiente está sempre igual. E esse espaço que deveria ser de convívio é demarcado pelo silêncio exigido dos alunos frente a um professor falante.

Se você cria um ambiente em que as crianças podem mover-se mais, explorar, procurar objetos e fazer atividades, elas automaticamente vão aprender, entender, construir. No entanto, se são colocadas naquela estrutura sem esperança, sentadinhas olhando o professor diante delas, que tipo de comportamento estaremos esperando? (JENSEN, 2013, p. 18).

O fato é que tudo evolui: e, no ritmo em que a sociedade evoluiu a educação precisaria estar mais a frente, inovando e ampliando para cumprir a sua real função no século XXI: a educação inovadora que transforme os educandos e os educadores, tendo o desafio de construir e reconstruir conteúdos com metodologias que proporcionem aos alunos e aos professores um maior encantamento e envolvimento no processo de construção dos conhecimentos.

Nessa perspectiva, questiona-se: Como construir uma educação de conhecimentos e aprendizagens que sejam significativas tanto para alunos como para professores? Como motivar os docentes para perceberem que a educação de hoje não está mais somente “presa” a um espaço de quatro paredes, com um quadro repleto de escritas?

Percebe-se, assim, que aos poucos a educação vem oferecendo novas possibilidades para que o aluno e o docente tenham uma melhor formação, uma vez que, nos dias atuais essa educação inovadora pode ser desenvolvida nos diversos espaços, proporcionando desafios e metodologias que visam um melhor comprometimento e conhecimento tanto para alunos como para professores.

2.2 ESCOLA CONTEMPORÂNEA: NOVAS FACES E ESPAÇOS DE INTERAÇÃO E APRENDIZAGEM

“Para que serve uma sala de aula se não for capaz de nos transportar além da sala de aula?” (MORAIS, 2009, p. 15).

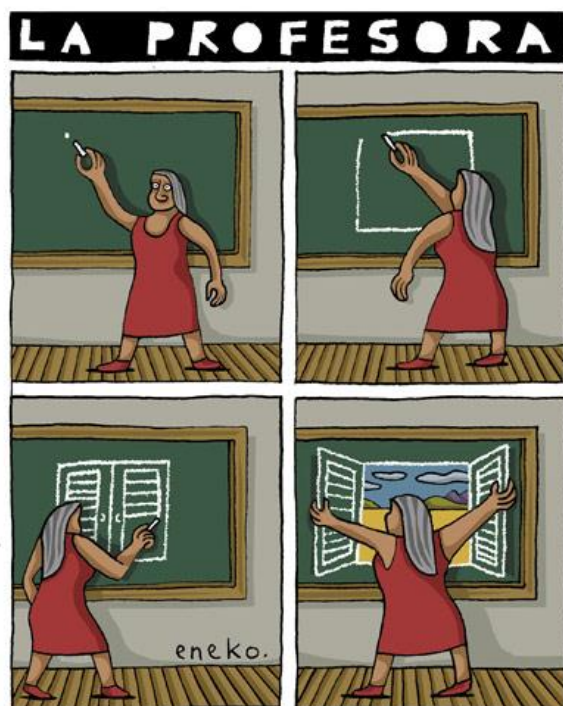
A sala de aula da escola contemporânea é tão mais do que um ambiente delimitado por paredes, porta e janelas, onde estão dispostas inúmeras carteiras e cadeiras. Para além disso, este é um espaço no qual se devem acolher diferenças, questionamentos, dúvidas e saberes. Ambiente esse que pode ser transformado com a necessidade existente e se for preciso criar cenários, histórias e espaços de interação e aprendizagem. Aliás, “qualquer atividade humana precisa de um espaço e de um tempo determinados. Assim acontece com o ensinar e o aprender; com a educação” (FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 61).

E, nesta perspectiva, a escola transforma-se num lugar no qual é permitido ir além dos limites de uma apostila/livro conseguindo alcançar o diferente, pois as vivências normais e comuns são esquecidas num piscar de olhos, enquanto aquelas significativas serão lembradas e relembradas por décadas e décadas.

Se a escola precisa ser um espaço para as crianças, há que se pensar na sua reorganização. Mas, por onde começar? Ou como questiona Morais, “então, qual o remédio” (2009, p. 17) pode ser indicado para a cura desse problema? Rojas (2013), segue afirmando que esta “cura” pode iniciar pela introdução das temáticas em brincadeiras, que façam os alunos ser quem eles são: “crianças”. É necessário superar a visão de que estas criaturas são “moldadas” de forma mecânica pelo mundo e a sociedade através das atividades, jogos, e programas que exploram o fascínio infantil, no intuito de transformá-la em “gente grande”.

Para tanto, é preciso sair do tradicional modo de ensino e ir além: da postura rígida de um professor diante de alunos, apenas repassando conhecimento, para a reunião em rodas, brincadeiras, gincanas e outras formas de aprendizagem que passam a ter um contato mais afetivo entre alunos e professores, para em conjunto aprender sobre a vida real (FREIRE, 1996). Nesta perspectiva, é que a porta e as janelas da sala se “abrem”, expandindo-se para o mundo externo, como pode ser visualizado na ilustração que segue:

Figura 02: A sala de aula muito além de um quadro “negro”.



Fonte: <https://projetoletrasearteshoracio2011.wordpress.com/2012/07/30>.

Neste novo contexto, o pedagogo assume o desafio de orientar e participar, sem medo de se envolver, ou se preocupar com a opinião das outras pessoas. Ele sabe que é mais eficaz correr e brincar com as crianças, do que reuni-las em uma sala para “hipocritamente” acreditar que estão aprendendo na perspectiva do escrever e copiar.

É, neste contexto, que o professor tem o desafio de compreender que ele não é sabedor do mundo, e está ali para orientar e aprender. Não cabe a ele dar o trajeto pronto, mas sim ensinar o aluno a juntar seus pés e mover-se, tal como este é desafiado na sociedade real. É preciso ter persistência, instigar o foco e descobrir a razão dos inúmeros porquês. Ou seja, já não basta o melhor aluno chegar ao pódio sozinho: é preciso trabalhar a cooperação, o trabalho em equipe, o diálogo, a persistência e a determinação para aquilo que se pretende alcançar. Desse modo, “é essencial a boa convivência em grupo para que a criança se construa um ser instrumentalizado para o bom convívio e para construir-se aprendiz” (PAROLIN, 2011, p. 11).

Essa mudança de paradigma, gera um convívio mais afetivo e faz as crianças interagirem, conhecendo e apreciando jeitos, manias, qualidades e defeitos. Isto faz-nas perceber, inclusive, que algumas são mais perfeccionistas em determinadas atividades e outras preferem apenas realizar a atividade proposta para prosseguir

brincando. Juntas vão conhecendo diversos modos e maneiras diversas de encarar uma situação. Aprendem também, a conviver com o (s) outro (s), respeitar suas diferenças e superar os conflitos.

Percebe-se, portanto, que ao longo da sua história a escola, nem sempre desenvolve a arte do convívio e da apreciação de atitudes mais humanas e singelas. Para Moraes (2013), essa proposta educativa foca na exatidão e na definição de conceitos muito amplos, nos quais esquece-se de que as crianças são verdadeiras cientistas, pois questionam o impalpável, o admirável, o imaginável, o mundo da criação.

Pode se afirmar, portanto, que os espaços educativos da escola contemporânea vão muito além do apenas ensinar. Esse lugar de interação e aprendizagem se torna de grande relevância para o processo de construção de conhecimentos do aluno/criança, no qual o mesmo passa a se relacionar e cultivar saberes ao interagir com situações que contribuem para o seu desenvolvimento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso destacar por fim, que, esta pesquisa está em desenvolvimento e após a coleta dos dados, os resultados serão registrados, analisados e divulgados.

Nesse sentido, para mostrar o quanto os espaços escolares externos e internos são importantes para o desenvolvimento da criança, a pesquisa de campo será realizada em 2 (duas) escolas através de questionários e da busca do registro fotográfico no intuito de abordar a importância de todos os espaços como: o pátio, como um espaço de imaginação; os corredores, caracterizados como espaços alegres e curiosos; a sala de aula, como um ambiente de saberes e curiosidades; os banheiros, concebidos como espaços de aprendizagem; o refeitório, definido como um espaço de convivência e aprendizagem; a horta, como um espaço de cultivar e aprender fazendo e a biblioteca, como um ambiente de encantamento, leitura e imaginação, entre outros. Enfim, em todos estes espaços o desenvolvimento da criança pode ser estimulado.

Nesta perspectiva, portanto, esta pesquisa procurará observar a contribuição do ambiente escolar no processo de aprendizagem dos professores e alunos. Convivendo nos espaços internos e externos estes sujeitos passam a se relacionar e

cultivar saberes ao interagir com situações que contribuem para o seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2001.

FREIRE, Paulo. **Cuidado, escola: desigualdade, domesticação e algumas saídas**. 35ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

JENSEN, Claus. Lições e descobertas ao ar livre. **Revista Pátio**. Publicação, nº 34, ano XI, p. 16-19. Jan/Mar, 2013.

LA PROFESSORA – Tirinha de Eneko. 2012. Disponível em:
<<https://projetoletrasearteshoracio2011.wordpress.com/2012/07/30/la-professora-tirinha-de-eneko/>>

MORAES, Adriana. O valor das ciências na educação da infância. **Revista Pátio**. Publicação, nº 34, ano XI, p. 37-39. Jan/Mar, 2013.

MORAIS, Regis. **Sala de aula que espaço é esse?** 22ª ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2009.

PAROLIN, Isabel. Wallon em sala de aula. **Revista Direcional Educador**. Ano 7, ed. 75, p. 10-12. São Paulo, Abril, 2011.

ROJAS, Adriane. Portas abertas para a aprendizagem. **Revista Pátio**. Publicação, nº 34, ano XI, p. 3. Jan/Mar, 2013.

SCHMITZ, Lenir Luft. Paradigmas do conhecimento: os percursos e descaminhos da educação ao longo da história. **Revista Divisa**. Revista da Fai Faculdade de Itapiranga. nº 4, v. 3, p. 77 – 82. Jul./Dez, 2006.